



O RENASCIMENTO DO FUTEBOL AMAZONENSE

Ana Cecilia de Jesus CAMPOS¹
Kassio Junio das Chagas CARNEIRO²
Alice Regina Pacó de SOUZA³

Resumo

Este trabalho apresenta o renascimento do futebol amazonense a partir de uma linha do tempo desde 1960 até a ascensão do Manaus Futebol Clube em destaque nacional. O objetivo consistiu em entender porque o futebol local esperou 20 anos para voltar a representar a região Norte do Brasil em torneios nacionais. Antes do acesso do Manaus Futebol Clube à Série C do Campeonato Brasileiro em 2019, apenas o São Raimundo Esporte Clube tinha conseguido esse destaque quando subiu para a Série B em 1999. Para realização do nosso trabalho partimos da ideia inicial de mostrar as deficiências e dificuldades do futebol baré. No propósito de entender a demora do futebol amazonense em ressurgir no cenário nacional foi preciso compreender que o ato de torcer para um time de futebol vai além das manifestações esportivas e ocasiona há muitos anos emoções profundas em torcedores, em especial nos amazonenses. A pesquisa caracterizou-se como bibliográfica e de campo. Na coleta de informações foram utilizadas entrevistas com dirigentes de clubes, historiadores, atletas e torcedores. Também fizeram parte dessa pesquisa os jornalistas esportivos locais, com a finalidade de contarem as suas percepções sobre o renascimento do futebol amazonense. O trabalho revelou que a falta de estrutura, patrocínios, organização e identificação, fez com que os torcedores amazonenses esperassem duas décadas para poder voltar a vibrar por um time local. Além disso, foi possível observar que o futebol exerce uma importante função social na vida dos amazonenses desde o surgimento do primeiro estádio para a prática esportiva na capital. O futebol tem a capacidade de gerar momentos emocionantes e marcantes na vida de uma sociedade multicultural.

Palavras-Chave: Jornalismo Esportivo; Futebol Amazonense; Futebol Profissional; Manaus Futebol Clube; São Raimundo Esporte Clube.

Abstract

This work presents the rebirth of Amazonian football from a timeline from 1960 to the rise of Manaus Futebol Clube in national prominence. The objective was to understand why local football waited 20 years to return to represent the northern region of Brazil in national tournaments. Prior to Manaus Futebol Clube's accession to Serie C of the Brazilian Championship in 2019, only São Raimundo Esporte Clube had achieved this distinction when it moved up to Serie B in 1999. To carry out our work, we started from the initial idea of showing the deficiencies and difficulties of Baré football. In order to understand the delay of Amazonian football's resurgence on the national scene, it was necessary to understand that the act of cheering for a football team goes beyond sports manifestations and has caused deep emotions in fans, especially in Amazonians, for many years. The research was characterized as bibliographic and field. In the collection of information, interviews with club directors, historians, athletes and

¹ Acadêmica do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: ana.camposa@fbnovas.edu.br.

² Acadêmico do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: kassio.carneiro@fbnovas.edu.br.

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Ciências da Comunicação e docente do Curso de Jornalismo da FBN. E-mail: alice.souza@fbnovas.edu.br.



fans were used. Local sports journalists were also part of this research, with the purpose of telling their perceptions about the rebirth of Amazonian football. The work revealed that the lack of structure, sponsorship, organization and identification, made the Amazonian fans wait two decades to be able to return to vibrate for a local team. In addition, it was possible to observe that football plays an important social role in the lives of Amazonians since the appearance of the first stadium for sports in the capital. Football has the capacity to generate exciting and remarkable moments in the life of a multicultural society.

Keywords: Sports Journalism; Amazonian Football; Professional Football; Manaus Football Club; São Raimundo Sport Club.

INTRODUÇÃO

As emoções mais profundas ocasionadas pelo futebol começaram há muitos anos atrás. Como Libório (2009) conta, esse esporte veio da Inglaterra onde foi organizado e aplicado as suas regras até chegar ao Brasil graças a Charles Miller, brasileiro filho de ingleses, que após voltar de Londres e desembarcar em São Paulo, em 1894, trouxe consigo bolas para a prática do futebol no país. Esse esporte tornou-se uma paixão nacional praticada entre diferentes tipos de pessoas, desde as crianças até os mais idosos e ganhou popularidade no País. Campeão com a Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994 e 2002, o ex-jogador Ronaldo, o “Fenômeno”, disse que “o futebol é o que há de mais democrático que existe no planeta, é para todos e não nega oportunidades a ninguém”.

A resposta para qual foi o primeiro time de futebol no Brasil gera polêmica e provavelmente nunca chegará a um consenso. Porém, de acordo com registros oficiais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1903, os aristocratas do café, da Associação Atlética Ponte Preta, formaram o que seria o primeiro time de futebol organizado do Brasil.

O futebol assumiu um papel que vai além de uma simples modalidade esportiva e sempre esteve carregado de significados que atravessam gerações ocupando um destaque como um elemento peculiar da identidade nacional. Nomes como Neymar, Pelé, Kaká, Zico, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo “Fenômeno”, entre outros, originaram uma grande identificação para o Brasil, país pentacampeão mundial e o maior vencedor da história de todas as Copas do Mundo.

Em Manaus, a metrópole da Amazônia, sempre esteve viva a cultura do futebol, desde 1914, quando os ingleses chegaram e deixaram as suas raízes na “Paris dos Trópicos”. Assim, o homem que viveu na Belle Époque, presenciou uma época de estranhamentos, na qual os emblemas de modernidade - como o futebol o era -, causavam grande inquietação, pois



moldavam uma nova paisagem que desconstruiu modelos e apontaram para novas formas de interação social. O jogo de bola envolvia os jovens maravilhados com a dinamicidade daquela prática esportiva que aliava ritmo e vibração, movimento e velocidade de maneira bastante peculiar.

Voltando 20 anos no tempo, no estádio Vivaldo Lima lotado no dia 23 de dezembro de 1999, o São Raimundo, um dos times tradicionais do Amazonas, comemorou o acesso à Série B com uma vitória por 2 a 0 sobre o Serra-ES, mantendo-se na segunda divisão por sete temporadas. Após o período dourado do Tufão da Colina, o torcedor amazonense precisou esperar duas décadas para poder voltar a viver momentos de glória com o futebol no cenário nacional.

Por essas razões, o presente artigo tem como objetivo analisar o renascimento do futebol amazonense a partir de uma linha do tempo que vai começar nos anos 1960 com o primeiro estádio de futebol da capital, passando pelos tempos áureos do São Raimundo Esporte Clube até a ascensão do Manaus Futebol Clube (Gavião do Norte), em 2019, no cenário nacional.

Quanto à sua estruturação, o trabalho está assim esquematizado:

CAPÍTULO I – Futebol: um esporte popular;

CAPÍTULO II– Futebol Amazonense;

CAPÍTULO III – Campeonato Amazonense;

CAPÍTULO IV – O Renascimento do Futebol Amazonense;

CAPÍTULO V – Jornalismo Esportivo: Futebol;

CAPÍTULO VI – A imprensa e o torcedor na ascensão do Manaus FC

Apresentamos no capítulo dois a história do futebol no Amazonas percebendo o quanto ela é antiga e como a capital amazonense possui uma tradição em times de futebol.

Dentro desse contexto, destaca-se o surgimento do Manaus FC que foi criado quando os então dirigentes do Nacional-AM, Luis Mitozo e Giovanni Silva, entraram em divergências com o presidente do Naça.

O Gavião do Norte nasceu no dia 5 de maio de 2013 e começou tudo do zero, sem dívidas, mas com o objetivo de se tornar um dos maiores clubes do Estado do Amazonas. O clube recém-nascido deu um novo fôlego para um povo que viu a Arena da Amazônia substituir o Vivaldo Lima e se tornar um dos grandes estádios para a Copa do Mundo de 2014.

Daniel Sales e Luis Mitozo na letra do hino do Manaus F.C explicam o grande sucesso do clube.



“[...] Manaus, Manaus, Manaus. Teu Gavião Real chegou. Em Verde, Preto e Branco. Estas são as cores do clube vencedor. O Teatro Amazonas rebrilha com a luz da chama do esplendo. Na grande floresta E igarapés ecoa o brado dos grandes Barés. Cinco de maio de 2013/ No futebol surge o campeão. Vibra a torcida, sempre aguerrida. O pulso forte dessa nação. E entre lutas e desafios. Manaus é raça, Verde coração. Ah! Quantas vitórias que virão/ Sei, sou feliz, tenho razão. Voa, voa Gavião do Norte/ Tu és Guerreiro, tu és forte. Eu sou Manaus, sempre vou vencer! Eu sou Manaus, sempre vou vencer! Eu sou Manaus, Sempre vou vencer!” (SALES; MITOSO, 2013)

A ascensão do time foi avassaladora, entre 2017 a 2019, o Manaus conquistou três títulos estaduais de forma consecutiva, quebrando o recorde do São Raimundo nos últimos 20 anos. A contextualização de como foi o processo do clube para ascender em evidência nacional pode ser vista de uma forma mais abrangente ao longo do capítulo cinco.

O time ganhou destaque, dentro desse cenário, com o auxílio das coberturas jornalísticas responsáveis por mostrar o preparo do clube, assim como a falta de estrutura, organização e patrocínios que o time teve que enfrentar.

Além da “glória” do clube, entretanto, existiu todo um trabalho desenvolvido pela imprensa amazonense que diariamente dentro dos jornais, canais de TV e emissoras de rádio acabou colaborando para o renascimento do futebol local.

Entrando na questão do jornalismo esportivo pode-se pensar que escrever notícias sobre esportes é muito mais fácil do que para qualquer outra editoria seguindo um preconceito de que são textos menos “engessados”.

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como ‘mero palpiteiro (COELHO, 2021, contracapa)

Nem sempre o jornalismo esportivo teve o espaço que ele possui atualmente com páginas de publicações e programas inteiros dentro da grade diária da TV ou do rádio. De modo particular, o jornalismo esportivo, tem uma linguagem própria e a tarefa vai além de informar.

As notícias esportivas vão construir emoções e sensibilidades em um público apreciador e crítico. Paulo Vinícius Coelho (2021) escreveu que pouca gente acreditava que o futebol tivesse a importância de virar manchete de capas de jornais, mas veículos de comunicação começaram a se importar cedo com a cobertura esportiva. Ele defende que o esporte ganhou espaço pela primeira vez nos jornais em 1910. Ainda não era o que conhecemos hoje, mas eram relatos sobre jogos de times de futebol amador italiano em páginas inteiras do jornal Fanfulla, que pode ser visto mais adiante no capítulo 4.



Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2021) explicam que “jornalismo é jornalismo, independente de sua especialidade, a sua essência não muda e continua ligado às regras da ética e ao interesse público”. Os autores do Manual do jornalismo esportivo (2021) ressaltam que essa área, frequentemente, se confunde com entretenimento e têm suas especificidades.

A delimitação do trabalho foi entender essa linha do tempo e mostrar como o futebol, que atrai centenas de milhões de pessoas que só admitem dois sentimentos fortes e antagônicos: o amor e o ódio, se fez presente na dinamicidade e temporalidade do Gavião do Norte.

A problemática do trabalho busca responder a seguinte pergunta: por que o renascimento do futebol amazonense em evidência nacional demorou 20 anos?

Em um primeiro momento a pesquisa bibliográfica foi utilizada como base no material escrito, com um levantamento dos principais autores como Carlos Zamith (2008), Nicolau Libório (2009), Paulo Vinícius Coelho (2021), Etelvina Garcia (2014) e Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2021).

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa foi de campo, com entrevistas feitas a atletas, treinadores, dirigentes e jornalistas que vivenciaram essa linha do tempo, colaborando no renascimento do futebol amazonense. Com os jornalistas esportivos foram questionados os planejamentos e desafios que os clubes enfrentaram, além dos planos para o esporte no Estado.

1 FUTEBOL: UM ESPORTE POPULAR

A paixão que o futebol se tornou é vista em todo o mundo, ultrapassando barreiras políticas, sociais, econômicas e de gêneros. Em geral, a participação desse esporte é constante de maneira especial na vida dos brasileiros, sejam eles torcedores ou não, visto que o Brasil é, considerado por muitos, o País do futebol. Mas antes mesmo da chegada e da história dessa paixão começar em territórios brasileiros, vale uma viagem no tempo em busca de suas origens.

Nicolau Libório em Memórias do Esporte no Amazonas (2009) salienta que a bola já rolava há muitos anos antes de Cristo. Na sua obra, o autor citou alguns exemplos das primeiras partidas de futebol que aconteceram respectivamente no Japão, na China, na cidade-estado Esparta, na Roma, na Florença, na Inglaterra até chegar ao Brasil.

Em 4500 a. C., os japoneses já davam seus primeiros toques no Kemari - jogo parecido com o nosso futebol, que era disputado na terra do sol nascente pelos nobres da corte imperial - a bola era de fibras de bambu e o povo não tinha sua vez. Pelo contrário, os pobres que ficavam do lado de fora faziam um papel parecido como gandulas, ajudando na reposição da bola.



Na China, em 2500 a.C., o chamado TS'U CHU era disputado com uma bola de couro redonda, recheada com cabelo de crina. A criação desse esporte é atribuída ao imperador chinês HUANG-TSÊ. Ele tinha a pretensão de treinar soldados, mas quando percebeu sua ideia já havia sido adotada pelos chineses peladeiros.

Em 800 a.C, na antiguidade grega, precisamente na cidade-estado Esparta, tinha o epyskiros onde o jogador não precisava ser um craque, mas sim ter força no pé para chutar a bola que era uma bexiga de boi recheada com areia. Os jogos faziam parte de treinamentos militares.

O primeiro futebol jogado com esquema pré-estabelecido foi o harpastum em Roma também 100 a.C., disputado sob regras rígidas e com posicionamento dos jogadores em campo. A bola era de bexiga de boi, mas coberta com uma capa de couro e o campo já contava com uma linha divisória e duas linhas de meta. No harpastum, a linha de meta era chamada de locus standium onde ficavam os jogadores lentos, os mais fortes eram os do ataque e os medicurrens - os meios campistas de atualmente - já faziam o trabalho de ligar a defesa e o ataque.

A verdade é que o futebol foi virando paixão. Ganhou tanto prestígio que em 1314, o rei inglês Eduardo II resolveu dar um basta, proibindo a disputa de jogos, sob alegação de que os jovens estavam descuidando do arco-e-flecha, esporte bem útil a uma nação que vivia em permanente clima de guerra. O assunto foi tão sério que Shakespeare, na sua obra Rei Lear, chegou a renegar 'o violento jogo de origem bárbara'. Em parte ele tinha uma certa razão, porque na Idade Média, o jogo era disputado por um número ilimitado de jogadores que, na disputa, usavam de meios desleais, como socos, rasteiras, pontapés e até pauladas. O jogo era realmente um horror (LIBÓRIO, 2009, p. 119).

Um jogo de bola já até terminou com uma antiga rixa entre duas forças políticas fiorentinas na Piazza Santa Croce, em Florença, importante centro econômico italiano. O resultado da guerra foi o calcio (futebol na tradução livre em português), em 1529. A partida durou horas e no fim foi a paz interna entre os grupos políticos.

A história do futebol da era moderna nasceu mesmo na Inglaterra justamente porque os partidários do rei Carlos II, que viviam refugiados na Itália, foram seduzidos pelo calcio fiorentino. Segundo Libório (2009), a fase romântica e civilizada do futebol começou com o jogo disputado entre os servos do rei Carlos II e os do Conde D'Albemarie, após os amigos do rei retornarem da Itália com o propósito de implantar o futebol no país. Nesse primeiro grande momento do esporte, os servos do Conde saíram vitoriosos, sendo premiados generosamente por Carlos II.

E foi apenas em 1894 que o futebol chegou ao Brasil graças ao incentivo do paulista Charles Miller, filho de pai inglês e mãe brasileira, considerado pelo historiador John Mills



como o pai do futebol nas terras brasileiras. Ao terminar os estudos e retornar para o Brasil, o centroavante da equipe do condado de Hampshire trouxe em sua bagagem, as bolas, apitos, uniformes e livros que explicavam a regra do jogo. “Com pai rico, Miller tinha tempo para treinar e tornar-se o melhor jogador brasileiro, “pendurando as chuteiras” em 1910. Também foi árbitro até 1914, quando decidiu sair de cena” (LIBÓRIO, 2009, p. 119).

O Brasil tem um ícone chamado Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, o rei do futebol, considerado pelos torcedores um herói nacional e um dos maiores de todos os tempos. O País também formou outros grandes jogadores, que são reverenciados pelos amantes do futebol, como: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Romário, Zico, Kaká, Neymar Jr. e muitos outros que conquistaram vários títulos importantes como o pentacampeonato mundial e conseguiram grande notoriedade nas divisões do futebol. Eles também formaram uma imagem do Brasil como a terra do futebol arte. Um estilo técnico, habilidoso, veloz e diferente, onde os atletas mostram diversos dribles, únicos nas terras brasileiras.

Além de trazer o futebol, Charles Miller difundiu o esporte entre os ingleses que moravam em São Paulo e se interessavam mais pelo jogo de *cricket*, esporte onde se utilizam tacos e bolas semelhantes ao beisebol. Existem muitas controvérsias sobre qual teria sido o primeiro time de futebol no Brasil. Waldenyr Caldas (1994) conta que em 1897, Miller introduziu o futebol no time de São Paulo Athletic Club, onde os jogadores praticavam o *cricket*.

Ao contrário do que possa hoje parecer, o futebol brasileiro nasce e se desenvolve entre a elite. Os colégios grã-finos, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, passariam, a partir da primeira década deste século, a adotar o futebol como forma de recreação para seus alunos (CALDAS, 1994, p. 42).

Mesmo sem uma resposta oficial para qual seria o primeiro time de futebol no País, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) afirma que em 1903, os aristocratas do café, da Associação Atlética Ponte Preta, formaram o que seria o primeiro time da modalidade esportiva organizado do Brasil.

Já o primeiro jogo da Seleção brasileira foi no dia 21 de julho de 1914, no estádio das Laranjeiras (de nome oficial Estádio Manoel Schwartz), ou melhor, o Estádio do Fluminense, contra o time inglês Exeter City, vencendo por 2 a 0. Por outro lado, o primeiro jogo oficial pela Federação Internacional de Futebol, mais conhecida pelo acrônimo Fifa, foi em 20 de setembro daquele mesmo ano, quando a Seleção verde e amarela perdeu para Argentina, em Buenos Aires, por 3 a 0, dando início a uma rivalidade que perdura até os dias atuais.



Dentro de todo um contexto social forte, no Brasil a sociedade é incentivada de alguma forma a torcer para um time. Desde o seu nascimento, o brasileiro já tem uma cobrança de identidade para se encaixar em grupos sociais existentes. Ser induzido ou escolher por vontade própria algum time de futebol acaba sendo um imperativo social para que os brasileiros façam parte de algum grupo.

O ato de torcer vinculado ao “time do coração” mexe com as emoções e as variações de humor. No Brasil, essa escolha ou indução pelo time, frequentemente, nasce das relações familiares em que o torcedor está inserido. Damo (2007) ressalta que “o ato de torcer por uma equipe de futebol é uma construção cultural oriunda das relações vivenciadas junto à família e amigos, sendo a identificação com o time regida por uma lógica de significados”.

Durante o século XIX, os torcedores principalmente do Rio de Janeiro voltavam suas atenções para outro esporte. Coelho (2021) explica que esse esporte era o remo e que boa parte da glória que o futebol conseguiu produzir no Brasil veio das competições dessa modalidade. Cronistas e poetas, como Machado de Assis, Olavo Bilac e João do Rio, eram entusiastas do remo e incentivaram para que o esporte fosse praticado. A partir de 1874, o Club Guanabarensis inaugurou o surgimento de um time de regatas e em 1920 o futebol ganhou a preferência dos cariocas.

A febre do remo já estava superada. Esse esporte produziu boa parte da glória que passou para o futebol. A maioria dos clubes futebolísticos tradicionais do Rio de Janeiro nasceu das regatas. Não é à toa que três dos quatro clubes cariocas têm a palavrinha no nome: Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama, Botafogo de Futebol e Regatas. Em 1926, o campeão carioca foi outro time proveniente das regatas: São Cristóvão de Futebol e Regatas. O Botafogo nasceu da fusão de um clube de futebol e outro de regatas. Nos primeiros anos do século XX, era o Clube de Regatas Botafogo o que mais chamava atenção para o interesse do Rio de Janeiro em remo (COELHO, 2021, p. 11).

Barbeiro e Rangel (2021) ressaltam a Lei Pelé de 1998 que profissionalizou definitivamente os jogadores, técnicos e assessores e trata sobre a prática formal, ou seja, como esporte de competição, regulado pelas normas internacionais e nacionais. Desse modo, existe uma hierarquia dentro do esporte que deve ser respeitada. “É um sistema de adoção: quer participar, respeite as regras, se não gostou, faça suas próprias regras, pois aqui você não compete” (Barbeiro e Rangel, 2021, p. 165). Baseando-se nisto existem duas hierarquias. Uma se refere ao futebol e a outra ao desporto olímpico. No caso do maior esporte e organização esportiva do mundo, o futebol, compreende a seguinte hierarquia:

Fédération Internationale de Football Association (Fifa);

Confederações continentais (Uefa, Conmebol, Concacaf, etc.);



Federações nacionais (no Brasil, a CBF);

Federações regionais (paulista, carioca, gaúcha, etc.);

Clubes (Palmeiras, Corinthians, Flamengo, Vasco, Grêmio, etc.).

Criada em 1904, a Fifa é a instituição que controla o futebol mundial. Ela organiza o grande campeonato de seleções como: Copa do Mundo, Mundial de Clubes e Copa das Confederações. A Fifa possui seis confederações, sendo: Confederação Asiática de Futebol (AFC); Confederação Africana de Futebol (CAF); Confederação de Futebol da Oceania (OFC); Confederação de Futebol da América do Norte (Concacaf); Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e a A União das Associações Europeias de Futebol (Uefa). Das seis confederações continentais da Fifa, a Uefa é de longe a mais influente. Ela é o órgão que administra e controla o futebol europeu. No Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é a instituição responsável pelo desenvolvimento e organização desse esporte em todo o País. A CBF é responsável pela promoção de campeonatos nacionais como o Campeonato Brasileiro das séries A, B, C e a Copa do Brasil. Além de administrar a Seleção brasileira e as federações estaduais.

1.1 Campeonatos Nacionais

O Brasil conta com uma série de campeonatos nacionais de responsabilidade da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que organiza o seu calendário anual contemplando futebol profissional, de base e feminino. Ao todo, a Diretoria de Competições da CBF realiza mais de 2.500 jogos em sua temporada, distribuídos pelas cinco regiões do País.

Lista de certames:

Campeonato Brasileiro Séries A, B, C e D

Campeonato Brasileiro Feminino Séries A-1, A-2 e A-3

Campeonato Brasileiro Sub-20

Campeonato Brasileiro Sub-17

Campeonato Brasileiro Feminino Sub-18

Campeonato Brasileiro Feminino Sub-16

Campeonato Brasileiro de Aspirantes

Copa do Brasil

Copa do Brasil Sub-20

Copa do Brasil Sub-17



Supercopa do Brasil
Supercopa Feminina
Supercopa Sub-20
Supercopa Sub-17
Copa do Nordeste
Copa do Nordeste Sub-20
Copa Verde
E-Brasileirão (futebol virtual)

O primeiro campeonato brasileiro foi realizado em 1971 e a ideia do campeonato surgiu da CBF, chamada na época de Confederação Brasileira de Desportos. O torneio teve como vencedor o Atlético Mineiro-MG, que durante esses 50 anos, ficou sem levantar a taça do "brasileirão". Essa competição é conhecida como o maior campeonato do mundo e já obteve vários regulamentos, escândalos e outros nomes como: Copa União; Copa Brasil; Taça de Prata; Copa João Havelange, entre outros. Com a conquista em 2022, O Palmeiras (SP) se tornou o maior campeão, isolando-se com 11 conquistas.

A Séries A, B e C são disputadas por 20 equipes em sistemas de turno e retorno, sendo que o clube que possuir o maior número de pontos no final da competição consagra-se campeão. Já os quatro últimos colocados caem para as divisões inferiores. A série D, a última divisão, conta com 64 equipes e é a única divisão que possui representantes de todos os estados brasileiros. Essa série é dividida em oito chaves com oito times em cada e as quatro melhores equipes que avançarem até a quarta fase, sobem de divisão.

2 FUTEBOL AMAZONENSE

No que diz respeito ao Amazonas, a história do futebol é também antiga. A cidade de *Manáos* conheceu entre 1890 e 1914 o seu auge econômico, social e urbanístico. Era o *boom* do ciclo da borracha. De fins do século XIX à era do governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, a pequena Vila da Barra transformou-se na “Paris dos Trópicos”, tomada pelo período luxuoso das grandes obras e monumentos históricos da *Belle Époque*. “Favorecido pelo acentuado aumento da arrecadação estadual, em pleno apogeu da economia da borracha, Eduardo Ribeiro promoveu a grande revolução urbanística e arquitetônica que fez de Manaus a *Paris dos Trópicos*” (Garcia, 2014, p. 65).



Assim, surgiram as construções de praças, avenidas, edifícios públicos grandiosos, prédios comerciais e residências senhoriais dotados de estilos importados da Europa. Antes de deixar o governo em 1896, as obras do Teatro Amazonas e da Avenida Eduardo Ribeiro também já estavam quase prontas. Com os grandes empreendimentos veio também o envolvimento de cidadãos ingleses. Nessa época, nascia o futebol em Manaus, relacionado justamente ao povo inglês.

Segundo Zamith (2008) as primeiras manifestações do futebol no Amazonas ocorreram entre ingleses que residiam na capital e disputavam partidas entre si no antigo campo do Luso. A capital amazonense possui uma tradição em times de futebol, sem contar com as peladas dos bairros. Libório (2009) afirma que a pacata Manaus tinha no esporte, sobretudo no futebol, uma das principais alternativas de lazer. Com a presença crescente dos manauaras nos jogos, fez-se necessário um controle para organizar as partidas que antes eram descompromissadas. Formaram-se times que, no primeiro momento, procuraram evitar a participação de nacionais nas equipes e deram preferência aos ingleses.

O desaparecimento dos campos da periferia e do campeonato amador, deu lugar às origens das agremiações, aos torcedores que lotavam os jogos nos estádios do Parque Amazonense e da Colina, a rivalidade que elevou a motivação do futebol profissional nos seus primeiros anos, a construção do Vivaldo Lima, o surgimento da Federação Amazonense de Futebol e os cronistas que passaram a discutir as regras e técnicas do futebol em suas colunas.

Os primeiros clubes surgiram ainda no início do século XIX, como conta o historiador Gaspar Vieira Neto em “Memórias do esporte bretão caboclo: os primórdios do futebol no Amazonas”.

Até o início de 1906, o futebol ainda era prática restrita dos ingleses que jogavam em seus próprios clubes fechados e em locais em que só eles tinham acesso, o que impedia o conhecimento do jogo pelos manauaras, além das diferenças culturais que acabava dificultando a ingressão daqueles poucos manauenses que tinha curiosidade pelo esporte.

E é no período de 1906 a 1933 que começam a surgir os primeiros clubes dedicados à prática do novo esporte. Foram eles os seguintes: Racing Club Amazonense, Infantil Club, Sport Club de Manáos, Brasil Foot-ball Club, Grêmio Literário, Foot-Ball Club, Reserve, Amazonas, Internacional Foot-Ball Club, Guarany, Ideal, Petiz Foot-Ball Club, Independência, República, União Sportiva Amazonense, João de Deus Sport Club, Manáos Football Club, Solimões, Amerika, Waldemar Foot-ball Club, Pátria Foot-ball Club, Manáos Athletic Club,



Aprendizes Marinheiros Team, Resbem e Sport Foot-ball Manáos, Nacional Futebol Clube, Atlético Rio Negro, São Raimundo Esporte Clube, América Futebol Clube.

Com destaque, ao longo do artigo contamos brevemente a história de oito clubes. Sendo eles: Racing Club Amazonense; Manáos Sport Club; Manaós Athletic Club; Brasil Foot-ball Club; Nacional Futebol Clube; Atlético Rio Negro Clube; São Raimundo Esporte Clube; América Futebol Clube. Além disso, apresentamos também uma das equipes mais recentes da capital amazonense, o Manaus Futebol Clube.

Em 13 de maio de 1906 surge o Racing Club Amazonense que de acordo com dados do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), foi oficialmente o primeiro clube de futebol a surgir em Manaus e em todo o Estado. O clube foi fundado por José Conduru Pacheco que viajou a Belém, no Pará, onde se apaixonou pelo futebol. Ao regressar para Manaus, decidiu fundar o Racing, que era formado só por brasileiros e tinha os amazonenses em sua maioria.

Ainda em 1906, poucos meses depois do surgimento do Racing, surge o Manaós Sport Club que veio a ser o primeiro rival do Racing e realizou com este o primeiro confronto entre equipes de futebol no Amazonas. Segundo Vieira Neto (2017), “naturalmente, devido a poucas informações sobre o futebol em Manaus durante esse ano, não se sabe quase nada sobre este também pioneiro clube”. Porém, as poucas informações colhidas pelo historiador Vieira Neto apontam que a nova agremiação era formada por jogadores ingleses. O Manáos Sport Club encerrava suas atividades no início de 1907, mas a equipe tinha dado o “pontapé inicial” para confrontos entre times distintos em Manaus.

O Manáos Athletic Club foi fundado em 23 de junho de 1908 e era um clube formado inteiramente por ingleses. Segundo Zamith (2009), oito anos depois da sua fundação foi o primeiro campeão estadual, em 1914. No ano seguinte repetiu o feito e se tornou bicampeão.

Em 7 de fevereiro de 1909, surge o que seria uma das principais potências do iniciante futebol amador do Amazonas, segundo Vieira Neto (2017). O Brasil Foot-ball Club foi fundado por um clube de rapazes brasileiros que eram fãs de futebol e decidiram criar a mais nova equipe para satisfazer seus anseios competitivos. Para a sua festa de inauguração, o Brasil Foot-ball Club jogou contra os jovens da escola de Aprendizes Marinheiros no dia 7 de março. O clube encerrou suas atividades ainda em 1913, quando já começava a predominar uma nova equipe, o Nacional.

O Nacional Futebol Clube nasceu no dia 13 de janeiro de 1913 em uma casa familiar na Rua 7 de Setembro, centro antigo de Manaus. O Naça, como também é chamado, nasceu de uma forma encontrada pelos desportistas da época para fazer frente aos súditos britânicos que



se reuniam em clubes fechados para a prática do “foot-ball” (LIBÓRIO, 2009, p. 107). Na reunião de fundação, que tinha como presidente Coriolano Durand, ficou decidido que apenas brasileiros natos poderiam ser admitidos no clube. Pensando nisso, o clube chegou a ser denominado como "Eleven Nacional" já que o time de onze jogadores seriam de origem brasileira.

Segundo Vieira Neto (2017), houve uma contradição no nome do clube porque alguns sócios estranharam uma equipe que só admitiria jogadores brasileiros ter em seu próprio nome uma palavra de origem inglesa. Os demais sócios decidiram que o termo Eleven seria traduzido para o português, que quer dizer “Onze”. Dessa maneira, passava assim a nascente agremiação a se chamar Onze Nacional (VIEIRA NETO, 2017, p. 231).

Em janeiro de 1914, o Onze Nacional se estruturou, passando a ser, enfim, um clube oficialmente constituído. Então, a diretoria novamente decidiu mudar o nome para um novo e definitivo: Nacional Football Club. A equipe começou formada por jogadores oriundos de outros clubes.

O Nacional começava a apaixonar as multidões e a se transformar no clube mais querido do Amazonas. Por sinal, no decorrer de tantos anos, mereceu algumas denominações: águia solitária, águia de ouro, estrela azul solitária, leão e, na intimidade dos seus adeptos, simplesmente Naça. Detentor de títulos inéditos, tais como um pentacampeão na época do amadorismo, nos anos de 1916, 1917, 1918 e 1920 e hexacampeão na fase do profissionalismo de 1976 a 1981 (LIBÓRIO, 2009, p. 106).

Outro clube tradicional do Estado é o Atlético Rio Negro Clube que surgiu em 13 de novembro de 1913. “É fruto de puro idealismo de Edgard Garcia Lobão, Raimundo Vieira, Schinda Uchoa, França Marinho, Leopoldo Neves, Basílio Falcão, Paulo Nascimento, João Falcão, Ascendino Bastos e Affonso Nogueira (LIBÓRIO, 2009, p. 148).

Os jogos do futebol amazonense ainda eram amadores e realizados nas praças públicas e nos bosques municipais, geralmente no final da tarde. Esses locais poderiam ser solicitados pelos clubes à Intendência Municipal. Assim que foi fundado o Atlético Rio Negro Clube em 13 de novembro de 1913, recebeu direito ao campinho da Praça 5 de Setembro, hoje denominada Praça da Saudade.

O “Barriga Preta”, um dos apelidos principais do Atlético Rio Negro, em alusão ao seu uniforme principal, tem a camisa branca com uma faixa horizontal preta, tinha, no início a grafia “Athletic Rio Negro Club” o que remetia aos clubes de origem inglesa na cidade, depois a grafia foi “aportuguesada” para “Atlético Rio Negro Clube”. O time recebeu esse nome em



homenagem ao rio situado à margem esquerda de Manaus: o Rio Negro. De acordo com Zamith (2008) essa relação faz do clube o mais ligado à imagem da cidade.

O mascote do Rio Negro veio a partir de uma ideia do jornalista Bianor Garcia, criador do Festival Folclórico do Amazonas. “O Galo Carijó virou mania, emocionou corações, atraiu as atenções, reuniu multidões, passando a ser uma forte marca, que se trabalhada com inteligência, poderá representar boa margem de lucro” (LIBÓRIO, 2008, p. 148). O time, com uma longa história de vitórias, conquistou a primeira logo na estreia, no dia 25 de novembro de 1913, no campinho da Praça 5 de Setembro, hoje denominada Praça da Saudade. A goleada de 4 a 0 aconteceu contra o time da Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Em 1915, Francisco Rebelo e o Professor Assis fundaram o Risópolis Clube Recreativo. Mais tarde, em maio de 1918, eles mudaram o nome apenas para Risofóles, que meses depois acabou transformando-se no São Raimundo Esporte Clube. Assim, o Tufão da Colina, como também é conhecido, nasceu oficialmente em 18 de novembro de 1918. O nome deve-se ao bairro da capital amazonense, que por fim deve este nome ao santo, São Raimundo Nonato, que nasceu em 1204, na Espanha.

A década de 60 foi decisiva para o clube. Em 1961 conquistou o campeonato amazonense ainda na fase amadora. Depois do vice-campeonato de 1964, o outro título viria cinco anos depois, em 1966, sendo o primeiro campeão profissional do Amazonas, no campeonato promovido pela FAF. Após esse período de auge, o clube ficou 30 anos sem um título do campeonato amazonense. Com dificuldades financeiras, chegou a ficar sem disputar os estaduais de 1981, 1982, 1993, 1994 e 1995.

A partir de 1966, o São Raimundo “ressurge” e no comando do técnico mineiro Aderbal Lana conquistou os estaduais de 1997, 1998, 1999, 2004 e 2006. Entre outros feitos, o Tufão foi o único clube do Estado a ter participado de um torneio internacional oficial, a Copa Conmebol de 1999, do qual foi semifinalista. No mesmo ano, também se tornou campeão da Copa Norte da qual detém três títulos. O time participou por oito vezes da Copa do Brasil.

Por muitos anos, também foi o dono da quarta maior torcida do estado. A primeira era a torcida do Nacional, seguida pela do Rio Negro e logo depois pela do Fast Clube. Esses três últimos formavam o famoso “Trio de Ferro”.

Inclusive, a torcida do Tufão da Colina também é exaltada no próprio hino do clube:

Hino do São Raimundo

Avante, avante, avante!



Clube do meu coração!
Tua torcida é sincera,
E cheia de emoção.

Vibra com o azul do céu,
Levando o branco da paz
e da harmonia,
Gritando: Tufão, Tufão, Tufão!
Numa explosão de amor e alegria! (Bis).

São Raimundo, tu me fascinas,
No campo ou em qualquer lugar,
Vem do alto da Colina,
A força para lutar!

Vamos meu clube querido,
Pro gramado com muita união!
Buscando novas alegrias,
Mostrando que és o campeão!
composição: Francisco da Silva

O período amargo do São Raimundo começou em 2006. No ano que conquistou seu último estadual, o Tufão da Colina foi rebaixado à Série C do campeonato brasileiro. Já em 2017 e 2018 o time caiu para a Série B, feito que se repetiu em 2022.

Em 2 de agosto de 1939 surge o América Futebol Clube fundado pelos irmãos Amadeu e Artur Teixeira em companhia de amigos. “A fundação do América contou com o estímulo do Padre Severo, diretor da Liga de Futebol do Dom Bosco, colégio em que Amadeu, seu irmão Artur, e os demais fundadores eram alunos” (LIBÓRIO, 2009, p. 25). O “Mequinha” como também é conhecido, foi comandado por Amadeu Teixeira durante 53 anos e fez com que figura mítica do treinador entrasse para a história como o técnico mais duradouro no comando de uma equipe até 2017.

O América foi seis vezes campeão amazonense. Desses títulos, quatro foram conquistados de forma consecutiva: 1951, 1952, 1953 e 1954. Os outros dois foram em 1994 e



2009. Já em 2017, no comando de Sérgio Duarte, o clube conseguiu o vice-campeonato da Série D e só não alcançou o acesso à Série C devido uma punição pela escalação irregular do jogador Amaral.

Apesar de ter sido um grande clube em tempos passados, o América está fora do cenário do futebol desde a temporada de 2012 por conta das dívidas trabalhistas.

Em uma fase mais recente do futebol amazonense, surge o Manaus Futebol Clube. Nascido em 5 de maio de 2013 a partir da ideia dos dirigentes Luis Mitozo e Giovanni Silva. Na época, os dois faziam parte do Nacional-AM onde entraram em divergências com a diretoria do clube e resolveram sair para montar seu próprio time. Durante entrevistas para coletar as informações deste trabalho, Mitozo disse que “ele e Giovani estavam fazendo um trabalho no Nacional e não foram compreendidos”. Porém, o fundador do Gavião do Norte deixou claro que a saída do clube não “leva a nenhum tipo de atrito em relação ao Naça de hoje”. Até porque, segundo ele, o Nacional, onde passou 12 anos, foi uma escola que lhe ensinou o que sabe do futebol.

O nome do clube também veio de uma ideia que remetesse a alguma coisa relacionada a cidade ou ao Estado. E foi unânime a decisão dos fundadores de colocar o nome da capital amazonense no time. Mitozo e Giovanni também pensaram em uma forma do escudo e do mascote do Manaus ter uma representatividade da cidade.

Corroborando com essas afirmações citamos um trecho da entrevista com Luis Mitozo:

Procuramos um mascote que tivesse algo haver conosco, realmente amazônico. E aí surgiu a ideia do Gavião Real que é uma ave de rapina e inclusive, ela estava em extinção. Foi muito fácil de desenhar o escudo do Manaus. A gente partiu do princípio que ia retratar a cúpula do Teatro Amazonas. Então peguei a cúpula, cortei a cúpula e trouxe duas linhas para baixo. Coloquei a cor verde que é da nossa floresta e coloquei o Gavião Real segurando uma bola. Fácil e bem representativo (Luis Mitozo, entrevista/2022).

Ao contrário de todos os outros clubes amazonenses, o Manaus teve o primeiro jogo de sua história já com um time profissional. No ano em que foi fundado disputou a Segunda Divisão do Campeonato Amazonense, sagrou-se campeão dos dois turnos e entrou para a lista de participantes da Primeira Divisão do Campeonato Amazonense de Futebol de 2014. Após quatro anos de disputa da primeira divisão, conquistou em 2017 o título do campeonato amazonense. Já em 2018 o clube perdeu nos pênaltis para o Imperatriz do Maranhão a primeira chance de subir para a Série C. Porém, no ano seguinte, o Manaus FC conquistou o acesso.

2.1 Parque Amazonense



De 1906 a 1912 foi apenas hipódromo. Durante esses seis anos, os manauaras elegantemente vestidos iam prestigiar as corridas de cavalos ou até mesmo bailar na pista de dança do Estádio do Mocó. No início, a praça de esportes tinha esse nome porque ficava localizado no antigo bairro do Mocó que também era conhecido como Beco do Macedo, onde atualmente é o bairro Adrianópolis.

O período de *glamour* findou-se com a crise da borracha, o imóvel foi doado em 1918 ao Dispensário Maçônico que decidiu construir um estádio de futebol, surgindo assim, o Parque Amazonense. Como a sociedade manauara ainda estava muito interessada em continuar apostando a sorte nos páreos de cavalos, a Maçonaria voltou a pôr em funcionamento um hipódromo e um campo de futebol que, harmonicamente, dividiram o espaço até o final dos anos 1930.

Quem não se lembra também, com saudade, dos dias de jogos com desfiles de carros pelas ruas da cidade nas manhãs de domingo, conclamando os torcedores a irem ver seu time jogar? As bandeiras dos clubes começavam a tremular bem cedo e à tarde, depois do meio-dia, o movimento dos desportistas a caminho do Parque ou da Colina era uma festa. (ZAMITH, 2008, p. 180).

O trecho citado acima por Zamith (2008) também é reforçado pelo seu filho, o historiador Carlyle Zamith que relembrou essa fase de mobilização dos torcedores em função dos jogos de domingo que aconteciam no Parque. Em entrevista concedida para o documentário, Carlyle conta que ele e a família moravam na rua Luiz Antony e depois da hora do almoço era possível observar e escutar a procissão das torcidas que aconteciam pelas ruas da cidade. Ele relata que a procissão também contava com buzinaços e as bandeiras de clubes como o Nacional além da imagem do “Galo Carijó”, mascote do Rio Negro. As torcidas iam em direção ao Parque Amazonense para prestigiar os jogos que aconteceriam a partir das 15h.

Zamith (2008) descreve que o estádio era misterioso, afetivo, com as arquibancadas de telhas cerâmicas e um portal nobre na entrada principal com a imagem de um cavalo na fachada. Ainda durante as entrevistas para este trabalho, Carlyle conta que o “Parque Amazonense era limitado em termos de lotação e suportava no máximo cinco, dez mil pessoas, todos em pé e mal acomodados”.

Mesmo com as limitações do estádio, aqueles que não optavam pelas atrações dos cinemas como o Guarany, Popular ou Ideal, Odeon, Éden, Ypiranga, nas tardes de domingo, com certeza estariam indo marcar presença no Parque Amazonense ou no estádio Ismael



Benigno (Colina), à época denominado Gilberto Mestrinho. Era onde o time do coração dos torcedores manauaras só perdia para o azar ou erro do juiz.

Nos anos 20, já havia começado a surgir clássicos amazonenses como o Rio-Nal entre Rio Negro x Nacional, e nos anos 30, o Pai e Filho entre Nacional x Fast Clube. Com tantos clubes que começaram a se envolver no esporte, a então Federação de Desportos Atlético (Fada) percebeu a necessidade do uso de outros campos além do Parque. Assim, o futebol voltou a contar, também, com o campo Luso, onde hoje está erguido o colégio Sólon de Lucena; o campo do Labor, em Educandos; o campo nacional, na Vila Municipal e o estádio da Colina, de propriedade do São Raimundo.

Em 1946, a Fada assumiu a administração do Parque e deu início a alguns melhoramentos no palco do futebol local. A construção do setor de gerais que eram as arquibancadas, por exemplo, aumentou a capacidade do público de ir torcer pelo seu time. O templo sagrado do futebol deu adeus ao público manauara no dia 8 de julho de 1973, com mais de 4 mil torcedores que foram assistir à vitória do Rio Negro sobre a Rodoviária por 3 a 1. Em 1976, o Parque foi vendido e as arquibancadas viraram entulho.

Daí em diante o futebol do Amazonas só cresceu, tendo o seu período áureo na década de 60 a 80, levando grandes públicos ao estádio, tendo as melhores médias do Brasil. Os dias de clássico era sinônimo de casa cheia, vários jogadores que brilharam com a camisa da seleção brasileira passaram por aqui, como Dadá Maravilha, Túlio Maravilha, Jardel, Jairzinho, Paulo Isidoro, Roberto Dinamite, Toninho Cerezo, Rivellino, Clodoaldo, Franca, Lima etc.

2.2 Estádio Vivaldo Lima e Construção da Arena da Amazônia

O maior palco do futebol amazonense é o estádio Vivaldo Lima, que teve seu período de construção de 1958 a 1970. Na década de 1950, quem deu o pontapé no projeto foi o governador Plínio Ramos Coelho. Da simpatia pelo futebol e preferência pelas cores do Nacional Futebol Clube, do qual foi presidente no início da década de 60, nasceu a ideia do governante de construir um estádio no bairro Flores, zona Centro-Sul de Manaus.

Com o profissionalismo do futebol e o aumento dos torcedores apaixonados pelo esporte, ainda na década de 60, Plínio entendeu que o Parque Amazonense e os campos de pequeno porte, onde eram disputados os jogos ainda descompromissados, não estavam mais suprimindo a necessidade do futebol amazonense.



A conquista do título, em 57, do Nacional, aumentou o ânimo do governador. A sua primeira providência foi desapropriar a área. E não foi nada difícil, porque naquele tempo ninguém se importava muito com um terreno que ficava a quilômetros do centro da cidade. (LIBÓRIO, 2009, p. 158).

Com o terreno pronto, veio a escolha do nome do Vivaldão em homenagem ao amigo e fiel correligionário do então governador. O baiano natural de Salvador, Vivaldo Palma Lima, professor, político, médico humanitário, fundador do Partido Trabalhista Brasileiro, no Amazonas, além de presidente e fundador do Nacional Futebol Clube. Mas a ditadura militar chegou e Plínio só se manteve no cargo de governador até 27 de junho de 1964. Um ano mais adiante quem deu a sua parcela de contribuição na construção do estádio foi o governador Artur César Ferreira Reis

Assim, em 1965, as obras tiveram início com tratores abrindo uma cratera e o terreno do bairro Flores ficando em condições de ser trabalhado, mas logo tudo voltou à estaca zero. Com o passar dos anos, precisamente em uma manhã calorosa do dia 30 de março de 1968, que Danilo Duarte de Matos Areosa assumiu o governo e manteve o projeto do seu antecessor. Então, o governador deu início à construção do Vivaldo Lima, a qual garantiu que seria um dos melhores estádios do Brasil (LIBÓRIO, 2009, p.159).

Em 1968, ainda não havia a influência da televisão e Manaus era considerada uma cidade pacata. As principais diversões do povo eram as sessões dos cinemas e o futebol no Parque Amazonense e na Colina. Então, a construção de um novo estádio de futebol era de longe o assunto que mais interessava aqueles que se reuniam nas rodas de conversas como as do Canto do Fuxico - na esquina da rua Henrique Martins com a avenida Eduardo Ribeiro - local dos bate-papos de fins de tarde dos políticos, advogados, promotores, jornalistas, aposentados.

O primeiro gol da história do Vivaldão foi marcado por um jogador atarracado, que chegou anos depois ao time principal do São Raimundo e que atendia pelo “criativo” apelido de Carço. E aconteceu exatamente no dia 31 de janeiro de 1969. Naquele domingo, em traje-esporte, Danilo Areosa hasteava o Pavilhão Nacional, antes que aproximadamente 120 garotos das equipes infanto-juvenil dos nossos principais clubes desfilassem pelo gramado. Não houve foguetes, discursos ou homenagens. E, para o governador, nem inauguração. Mesmo porque só havia o gramado, as traves e a imensa esperança de que o estádio seria brevemente uma realidade. (LIBÓRIO, 2009, p. 161).

Com cerca de 80% das obras do estádio Vivaldo Lima construídas, no dia 5 de abril de 1970, o estádio foi parcialmente inaugurado com a presença da Seleção brasileira, que em junho daquele mesmo ano tornou-se tricampeã da Copa do Mundo, no México. Mais de 90% dos



ingressos foram vendidos antecipadamente no posto situado no térreo de um prédio da avenida Sete de Setembro, ao lado do antigo Banco do Nordeste (ZAMITH, 2008, p. 59). Em Manaus, duas equipes do Amazonas e duas equipes do Brasil foram formadas para se enfrentarem em dois jogos, sendo que a primeira partida foi jogada apenas pelas Seleções B do Amazonas e do Brasil. Já no segundo jogo, as Seleções A da canarinho e dos amazonenses também se enfrentaram no estádio Vivaldo Lima.

No primeiro jogo de Brasil x Amazonas (Seleções “B”), a canarinho garantiu a vitória por 4 a 1 com três gols de Dario e um contra. Os jogadores Catita (Rio Negro), Evandro (Olímpico), Pretinho (Nacional) e Pompeu (Fast), foram solicitados pelo técnico Zagalo para integrarem a seleção B, do Brasil. A seleção do Amazonas contou com pratos da casa como Maneco e Antônio Piola, além de jogadores que atuavam em equipes de campos de terra.

No segundo jogo entre Brasil x Amazonas (Seleções “A”), o placar de 4 a 1 para o Brasil se repetiu. E dessa vez com o primeiro gol do jogo de Carlos Alberto Torres e o último aos 31 minutos, do 2º tempo, do rei Pelé. Assim, Manaus viveu um clima de festa. Nem com a lama, poeira, entulho de construção, temperatura alta e distância, importava para a multidão que foi assistir aos jogos.

Pelo contrário, o Vivaldão, mesmo que parcialmente construído e ainda protegido por tapumes, era a grande novidade dos amantes de futebol e até daqueles que não eram tão atraídos pelo esporte.

O Vivaldão recebeu grandes jogos, principalmente clássicos amazonenses como o do Rio Negro x Nacional em disputa que aconteceu no dia 7 de março de 1971 válido pelo “Torneio Danilo Areosa”, homenagem ao então governador do Amazonas. Com os gols de Pedro Hamilton e Anízio, o Rio Negro garantiu a vitória por 2 a 1 contra o Nacional no primeiro clássico disputado nos gramados do Vivaldo Lima. Ainda em 1971, no dia 26 de setembro, um amistoso entre Rio-Nal lotou o Vivaldo Lima. Em virtude da grande cobertura da imprensa, o jogo despertou a atenção dos torcedores. Com mais de 30 mil pagantes, o clássico terminou com um empate de 2 a 2.

Novembro de 1971, dezoito meses após a pré-inauguração, pela primeira vez um clube estrangeiro jogava no estádio Vivaldo Lima. Era Futebol Clube do Porto, Portugal, que trazia em seu elenco o gaúcho Flávio (Almeida da Fonseca), artilheiro em vários clubes, principalmente defendendo Internacional, Fluminense e Corinthians. A temporada era de dois jogos e a entidade local convidou o Nacional como primeiro adversário e o Fast o segundo. (ZAMITH, 2008, p. 190).

No primeiro jogo estrangeiro no Vivaldão, o Porto venceu o Nacional por 3 a 2, numa partida bem disputada. Três dias depois, o Futebol Clube do Porto enfrentava o campeão



amazonense da temporada, o Fast Clube. O Porto marcou logo dois gols no primeiro tempo. No final, o Fast ainda diminuiu, mas não teve jeito, o Porto consolidou, aos 29 minutos do segundo tempo, a vitória de 3 a 1. Zamith (2009) reforçou que nos dois jogos o público pagante registrado foi de 38.917, para uma arrecadação bruta de CR \$125.766,00.

Em 1995, o estádio Vivaldo Lima foi reinaugurado no governo do coronel João Walter de Andrade, restaurado na administração de Gilberto Mestrinho e, em 1996, foi restaurado no governo Amazonino Mendes. Reinaugurado, o Vivaldão recebeu mais um amistoso da Seleção Brasileira, que tinha recentemente acabado de conquistar o tetracampeonato mundial. O Brasil venceu a Colômbia por 3 a 1 e só voltaria a jogar em Manaus após 8 anos, já pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2006, quando venceu o Equador por 1 a 0, gol marcado pelo badalado Ronaldinho Gaúcho que foi eleito em 2005 pela Fifa como melhor jogador do mundo. Essa última vitória da Seleção Pentacampeã mundial, era o sinal de adeus ao velho Vivaldão.

É o que verificamos no relato de Orivaldo Malizia, o último administrador do Vivaldão:

O Vivaldo Lima era a minha casa, era a extensão da minha casa. Eram todos os dias, todos os eventos que eu estava lá. Eventos pequenos e de grande porte eu estava sempre lá cumprindo minha missão como administrador. Mas ele [Vivaldo Lima], no fundo, já estava cheio de problemas e graves. Havia infiltrações, problema no gramado, falta de investimento, falta de recursos para fazer uma boa administração. A gente lutava com muito sacrifício para organizar as coisas. Tudo isso deteriorou o estádio. Natural da cidade de Presidente Venceslau, no interior de São Paulo, Malizia completou que se não fosse a Copa do Mundo, o Vivaldão se tornaria uma sucata. (Orivaldo Malizia - Último administrador do Vivaldão. Entrevista ao GE Globo, 2014)

Na época da candidatura para a escolha das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014, as cidades candidatas tinham que enviar um vídeo para a Federação Internacional de Futebol (Fifa) ressaltando aspectos da cidade e do seu Estado. Além disso, também enviaram um caderno de encargos que contou com as propostas para a construção de um estádio. No vídeo, Manaus associou o Estado do Amazonas à preservação da floresta e contemplação da paisagem. E é claro, destacou as diferentes práticas de futebol local, ressaltando a paixão de todo torcedor amazonense pelo esporte.

Assim, Manaus foi eleita em 2009 como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014. Não havia outro destino, para construir uma arena moderna que atendesse às exigências da Fifa, o Vivaldão teria que ser demolido para dar lugar à construção da Arena da Amazônia. Restando apenas memórias e saudades no coração do torcedor baré. Dois centros oficiais de treinamento para a Copa, o Estádio Municipal Carlos Zamith e o Estádio da Colina, também foram construídos e constituem novos espaços para a prática de futebol na cidade.



O primeiro jogo na Arena foi entre Nacional e Remo, clássico Amazonas e Pará, com o empate de 2 a 2 e o primeiro gol foi do zagueiro remista, Max. Já na primeira fase da Copa do Mundo 2014, a Arena da Amazônia sediou quatro jogos. Sendo eles: Inglaterra x Itália; Camarões x Croácia; Estados Unidos x Portugal e Honduras x Suíça. O estádio já recebeu o clássico de milhões, Flamengo x Vasco, pelas semifinais do Campeonato Carioca com recorde de 44.419 torcedores.

Maiores públicos Arena da Amazônia

- 18/08/2019 – Manaus x Brusque: 44.896 (Brasileirão Série D)
 - 24/04/2016 – Vasco x Flamengo: 44.419 (Campeonato Carioca)
 - 20/07/2019 – Manaus x Caxias: 44.121 (Brasileirão Série D)
 - 25/06/2014 – Honduras x Suíça: 40.322 (Copa do Mundo)
 - 03/04/2014 – Resende x Vasco: 40 189 (Copa do Brasil)
 - 22/06/2014 – EUA x Portugal: 40 123 (Copa do Mundo)
 - 18/06/2014 – Camarões x Croácia: 39.982 (Copa do Mundo)
 - 14/06/2014 – Inglaterra x Itália: 39.800 (Copa do Mundo)
 - 25/10/2014 – Botafogo x Flamengo: 39.561 (Campeonato Brasileiro)
 - 09/08/2016 – Brasil x África do Sul: 38.415 (Olimpíada do Rio de Janeiro)
 - 06/09/2016 – Brasil x Colômbia: 36.609 (Eliminatórias para Copa do Mundo de 2018)
- (Fonte: site Globo Esporte)

3. CAMPEONATO AMAZONENSE

O Campeonato Amazonense foi o segundo a ser disputado na Região Norte, tendo a primeira edição disputada em 1914, organizada pela Liga Amazonense de Foot-Ball. O campeonato de 1963, o último no regime amador, estava chegando ao fim. A história começou com oito clubes participando da competição: Nacional, Rio Negro, Fast, São Raimundo, Sul América, Labor e América, em três turnos distintos ainda sobre o controle da Federação Amazonense de Desportos Atleíticos (FADA).

É bom frisar que na época do amadorismo usava o mesmo sistema de armação dos jogadores em campo, igual ao restante do mundo: um (goleiro), dois (zagueiro), três (médios) e cinco (atacantes) - 1-2-3-5, com ponteiros bem abertos, jogando em posições fixas.

No primeiro turno, o Fast chegou em primeiro ao lado do São Raimundo e em um jogo extra para decidir o título, o Fast levou a melhor por 3 a 2, durante um jogo no Parque Amazonense. O nacional levou a melhor no segundo turno em cima do Rio Negro e ficou com o título. O terceiro e último turno



ficou decidido entre Rio Negro e América. Com o empate por 2 a 2, o jogo foi para uma prorrogação de 30 minutos e o América se classificou.

O supercampeonato contava com Fast (campeão do 1º turno), Nacional (campeão do 2º turno) e América (campeão do 3º turno). O velho “Rolo Compressor” ficou fora do páreo após perder para o Nacional e para o América. Nacional x América aconteceu em um 16 de fevereiro de 1964, no Parque, terminando em empate por 1 a 1. A FADA marcou um desempate para o dia 22 daquele mesmo mês, onde o Nacional venceu por 3 a 0 e conquistou o que era o último título do campeonato amazonense no regime amadorista.

Atrasado, mas iniciado em 17 de junho de 1964, o primeiro campeonato profissional do estadual foi disputado também em três turnos, pelas seguintes equipes: América, Fast, Nacional, Olímpico, Rio Negro, São Raimundo, Sul America. O primeiro gol no regime profissional foi marcado pelo jogador Sales, do São Raimundo, aos 20 minutos do 1º tempo do jogo contra o Nacional, esse último que no fim consagrou-se como primeiro campeão Amazonense de futebol profissional.

O primeiro jogo foi na colina, o segundo no parque e o terceiro foi para sorteio. Jandercy Sarmiento representou o Nacional e Lindolfo Cardoso o São Raimundo. Nacional dava preferência ao parque amazonense. Na sede da entidade foi feito o sorteio. Dois papétes foram colocados numa urna com os nomes de Parque e Colina. Numa distração do representante do São Raimundo, Jandercy trocou o papel da Colina por outro com o nome do Parque. Claro que o Nacional levou a melhor no sorteio, o jogo terminou 1 a 1 e o Nacional foi campeão. (ZAMITH, 2008.p 22)

Com o profissionalismo dos clubes da capital, em 1980, os clubes do interior também começaram a se profissionalizar. Os primeiros foram o Olaria, da cidade de Humaitá, que disputou apenas uma edição do campeonato, por conta das dificuldades de chegar ao município e o retorno financeiro que era mínimo. O Princesa do Solimões, de Manacapuru, se profissionalizou em 87, ficando até 91. O seu retorno aconteceu em 95 e continua até os dias atuais. A equipe da terra das cirandas é detentora apenas de um título, que faturou em 2013.

O Penarol, de Itacoatiara, disputou o amazonense de 82 e voltou somente em 93, o “Leão da Velha Serpa”, alcunha do Penarol, é a equipe do interior com maior número de títulos. O clube já levantou três taças, a mais recente é a do ano de 2020, sagrando-se tricampeão do Amazonas.

Zamith (2009) afirma que com a implantação do profissionalismo não foram só os títulos e premiações que os clubes começaram a ganhar. No futebol amazonense muito dinheiro foi gasto com contratação de jogadores de fora para satisfazer a vontade de torcedores sem retorno proveitoso para os times que os contrataram.

Para servir de exemplo, Zamith (2009) lista tais como: Reinaldo, ex-Atlético-Mineiro que, veio para a capital contratado pelo Rio Negro. Fez dois gols em seis jogos e logo foi embora. Teve também



Manoelzinho, jogou no Flamengo (Rio de Janeiro) de 1958 a 1962, e foi a contratação mais cara trazida para Manaus pelo Olímpico. Num contrato de seis meses, ele jogou apenas três partidas.

Diz-se que sem atração não é possível soerguer o futebol local, é falta de fundamento. O futebol amazonense passou por várias fases de bonanças, com boas rendas, público prestigiando os jogos e já teve também os seus ídolos, jogadores fabricados em casa, valores que viviam nas manchetes locais. (ZAMITH, 2009, p. 66).

Falando justamente dos jogadores fabricados no Amazonas, Zamith (2009) também ressaltou as “pratas da casa” que foram caindo no esquecimento durante o profissionalismo do futebol local e das importações. Nesse período, tinha clubes como São Raimundo, Nacional, ou mesmo os considerados “pequenos”, que se formavam com apenas dois ou três jogadores locais que ganhavam um salário inferior daquele que vinham de fora. E é claro que tudo isso serviu para que muitas promessas da casa desistissem e desaparecessem do cenário do esporte.

Os maiores clássicos do futebol amazonense envolvem os cinco clubes mais vencedores do estado: Nacional, Rio Negro, São Raimundo, Fast Clube e Sul America. O Rio-Nal é o clássico mais antigo do Amazonas e envolve a disputa entre Atlético Rio Negro Clube, o “Galo da Praça da Saudade” e o Nacional Futebol Clube, o “Leão da Vila Municipal”.

A rivalidade entre Rio Negro e Nacional era forte: quem tivesse a ousadia de passar diante da torcida rival levava um “banho de urina” ou uma “pedrada de laranja”, ou qualquer coisa do tipo como escorões, bandeiradas e ameaças. Mas, em todo o histórico desse clássico, não houve um registro de agressões mais fortes ou de brigas generalizadas. O caso mais sério foi a de uma decisão onde os torcedores nacionalinos invadiram o campo, tomaram e quebraram a taça que estava nas mãos do elenco e dos dirigentes rionegrinos e a polícia precisou intervir para evitar confrontos e brigas de proporções maiores (ZAMITH, 2008.p 29).

O clássico “Pai e Filho” é disputado pelo Nacional Futebol Clube e o Nacional Fast Clube. Leva esse nome porque o Fast Clube foi fundado por ex-dirigentes e torcedores do Nacional. O clássico é disputado desde 1931.

O “Galo Preto”, clássico entre São Raimundo, o “Tufão da Colina” e o Sulamérica, o “Sulão ou Trem da Colina”, surgiu ainda nos anos 30. O nome do clássico ganhou destaque por conta dos trabalhos de Umbanda nos bairros da Glória (Sul América) e do São Raimundo, durante o uso das galinhas pretas nos trabalhos de ambos os clubes da zona Oeste de Manaus.

Em 26 de setembro de 1966, foi fundada a Federação Amazonense de Futebol (FAF), mas foi em 21 de agosto de 1967 que ela foi reconhecida oficialmente pela Confederação Brasileira de



Desportos. A FAF teve Flaviano Limongi como seu primeiro presidente que decidiu promover jogos amistosos, trazendo para Manaus o Remo, Tuna Luso, Payssandu (Belém), Sampaio Correia (Maranhão), Ferroviário (Ceará), Milionários (Bogotá), Maranhão A. Clube, Olaria (Rio de Janeiro), seleção de parintins e Náutico de Itacoatiara. “Nesse primeiro ano de existência, o São Raimundo foi o campeão profissional, o Raiz Clube o campeão amador; o Nacional conquistou a Taça Eficiência, o América a Taça Disciplina e o campeonato juvenil foi do Nacional.” (ZAMITH, 2009, p. 167).

4. O RENASCIMENTO DO FUTEBOL AMAZONENSE

A relação de um torcedor com o seu time, às vezes, é uma questão afetiva de sentimento coletivo e que o faz ter uma lealdade por toda vida: “(...) antes de ser uma escolha, a adesão a um clube é um constrangimento.” (DAMO, 2007, p. 56). O torcedor pode até seguir clubes locais, mas quando nenhum deles está inserido na elite do futebol, o próprio torcedor vai atrás de seguir um clube de fora. Pode-se dizer que essa é uma situação vista no Amazonas.

Zamith (2008) afirma não haver perspectiva para voltar aos bons tempos de futebol amazonense do final da década de 60, quando o esporte era empolgação e mexia com todos da cidade nos dias de jogos envolvendo Rio Negro, Nacional, Fast, Olímpico, Rodoviária, Sul América, São Raimundo e América, praticamente todos no mesmo nível.

Há 20 anos, em 1999, o torcedor amazonense tinha o desejo de ver um time do Estado perto da elite do futebol nacional. No dia 23 de dezembro daquele ano, na antevéspera de Natal, o São Raimundo foi o responsável por trazer a realização desse desejo. O time do técnico Aderbal Lana conseguiu, no ainda, Vivaldão o acesso à Série B do Brasileirão.

A glória veio na decisiva partida da Série C do Brasileiro após uma vitória por 2 a 0 sobre o Serra-ES. Além do acesso, naquele mesmo ano, o Tufão terminou como vice-campeão da terceira divisão do futebol brasileiro que teve como campeão o Fluminense. O time carioca chegou a enfrentar o São Raimundo, no Vivaldão, em uma partida que terminou no 0 a 0. Porém, o resultado foi alterado pela CBF para 1 a 0 em favor do Fluminense, por conta da escalação irregular de um jogador do time amazonense. Por sorte, o Serra perdeu pontos também por um atleta irregular e assim o São Raimundo garantiu o vice.

O período dourado do Tufão da Colina, um dos principais do futebol baré, se manteve sob o comando de Lana ao longo dos anos 90 e início dos anos 2000. O técnico mineiro de Uberlândia chegou em Manaus na década de 60 e criou raízes no futebol baré. Ainda no São Raimundo em 1999, foi campeão da Copa do Norte, tetracampeão do estadual e semifinalista



da Copa Conmebol, competição que equivale a Sul-Americana de hoje. A partir de 2000 o clube se consolidou como uma força do futebol do Estado e da região Norte.

A movimentação em torno dos jogos do São Raimundo E.C. cresceu desde o final da década de 90, quando o time conquistou por três vezes seguidas o título de campeão estadual nos anos de 1997, 1998 e 1999 e ganhava projeção nacionalmente com os títulos da Copa Norte em 1999, 2000 e 2001, além do vice-campeonato da série C do campeonato brasileiro no ano de 1999, que garantiu o acesso do clube à segunda divisão do campeonato no ano seguinte. Acrescente-se a isto o terceiro lugar na antiga Copa CONMEBOL, competição sul-americana, no ano de 1999 e a participação na Copa dos Campeões em 2001, campeonatos não mais existentes. (PONTOURBE, 2014, p. 36).

Apesar dos anos de glórias, em 2006, começou um período amargo para o Tufão da Colina, rebaixado naquele ano à Série C do Brasileiro. A crise financeira do clube também colaborou para amargar essa fase de um elenco menos competitivo e posições ruins no Campeonato Amazonense.

Anteriormente citado no capítulo 2 deste artigo, o Manaus F.C surgiu em 2013 com o objetivo de se tornar o maior time do Estado. No ano de fundação, o clube que carrega o símbolo do Teatro Amazonas no peito, conquistou a Série B do Campeonato Amazonense e não parou por aí. Já na elite do futebol Baré, de 2017 a 2019, o Manaus conquistou todos os estaduais. Inclusive, o de 2017 foi sob o comando do técnico Aderbal Lana que vivenciou a fase dourada do São Raimundo.

Assim se expressa Luis Mitoso, um dos fundadores do Manaus F.C, quando questionado sobre o sucesso do clube:

[...] Não vou dizer que imaginava (sucesso atual do Manaus em sete anos). Mas nós sempre trabalhamos para isso. Quando a gente criou o Manaus, tínhamos a total noção que iríamos fazer tudo pra fazer um clube diferente e alcançar voos altos. Como um verdadeiro gavião-real, destacou o mandatário, sobre a seriedade colocada desde os primórdios do projeto, que hoje dá frutos cada vez mais significativos. (MITOSO, entrevista ao Portal A Crítica em 2020).

A ascensão do Manaus FC veio após o povo amazonense esperar duas décadas e o dia 20 de julho de 2019 foi inesquecível. Um sábado de muito sol, um jogo decisivo contra o Caxias-RS, e com muita expectativa criada, por conta da derrota no primeiro jogo no Sul e os ataques xenofóbicos sofridos pelos jogadores do clube e a torcida do Amazonas. O Gavião do Norte tinha um desafio gigante pela frente e carregava o peso de subir um clube amazonense para a Série C do Brasileiro, feito que não acontecia desde quando o São Raimundo, em 1999, conseguiu seu acesso à Série B.



Porém, para conseguir esse voo, o Gavião do Norte não voou só em “céu de brigadeiro”, a equipe amazonense enfrentou muitas turbulências, a principal delas foi a dificuldade financeira. Os dirigentes Mito e Giovanni, foram para os faróis de Manaus vender rifas a R\$10 para ajudar na folha de pagamento do clube. Os prêmios eram: ar condicionado, televisões, camisas e outros brindes.

Todo esse contexto e os ataques xenofóbicos criaram um clima que fez o Manaus ser abraçado pelo seu povo, que se fez presente na Arena da Amazônia e que se tornaram fãs incondicionais. Para Damo (2007) os torcedores impõem ao futebol “a circularidade das emoções”, e dão significados ao capital simbólico presente neste esporte.

O time amazonense então comandado pelo mineiro Wellington Fajardo, 56 anos, que chegou em fevereiro de 2019 para colocar o caçula do futebol amazonense em outro patamar. A tensão era grande e os dois times acabaram o primeiro tempo empatados em 0 a 0.

Aos 26 minutos do segundo tempo, porém, o Manaus conseguiu abrir o placar: Vitinho cruzou da direita, Hamilton cabeceou, Mateus Oliveira fez o pivô e Rossini soltou uma bomba para estufar a rede e marcar 1 a 0. O placar de 1 a 0 igualava o duelo, mas deixava ainda tudo em aberto.

Só aos 40 minutos veio mais: um bate e rebate dentro da área e Vitinho tocou para Rossini chutar para fazer 2 a 0, resultado que já era suficiente para a classificação. Já nos acréscimos, o Manaus pegou o Caxias desarrumado e Vitinho tocou para Mateus Oliveira, que tirou da marcação e tocou no canto para fechar o placar em 3 a 0 e definir a vaga.

Mas o terceiro gol gerou uma confusão. Os jogadores do Caxias reclamaram de um possível toque de mão. Foi cerca de cinco minutos de paralisação que resultou ainda em três expulsões do Manaus FC: Mateus Oliveira, autor do gol, Patrick Borges, que estava no banco; e Eduardo Diniz, do Caxias.

No fim, o Manaus comemorou o acesso à Série C do Campeonato Brasileiro nos braços de mais de 44 mil amazonenses que compareceram à Arena da Amazônia. Eram 12 anos sem um time do Amazonas na Série C e 20 anos sem um time de Manaus.

O São Raimundo tinha sido o último a subir da Série C para a Série B em 1999. A última vez que um time do Amazonas disputou a Série C foi antes da reformulação, que criou a Série D.

Em 2008, Holanda e Fast Clube disputaram a Série C. Em 2009, com a criação da Série D, os amazonenses, mal colocados, acabaram tendo que disputar a Série D e nunca mais um



time do estado tinha conseguido o acesso. Essa marca caiu. O sonho do Manaus se realizou, o Gavião do Norte escreveu um capítulo espetacular na história do futebol do Estado.

A dimensão popular do futebol, seja ele amador ou profissional, mobiliza torcedores e torcidas em diversos segmentos sociais. O acesso mobilizou o torcedor amazonense que esperou por duas décadas “um time para chamar de seu”. Damo (2007) ressalta que a escolha do clube do coração uma vez realizada não pode ser alterada facilmente, cabendo ao torcedor arcar com o ônus da sua opção.

Diante disso, o torcedor do Amazonas parece estar arcando ultimamente só com os bônus das suas escolhas. Para o ano de 2023, por exemplo, serão quatro equipes do futebol local em competições nacionais. Com o acesso do Amazonas FC à Série C do Campeonato Brasileiro vai contar com a equipe e também com o Manaus que joga pelo seu quarto ano seguido.

Após cinco anos, o Princesa do Solimões, vice-campeão da temporada de 2022, retornou para a Série D do Brasileiro. Outro representante será o Nacional. A Copa do Brasil também conta com dois representantes do Amazonas: Manaus F.C e Princesa do Solimões. Percebe-se, que o calendário do futebol amazonense para o ano de 2023 está recheado e ainda mais vivo no cenário nacional.

5. JORNALISMO ESPORTIVO - FUTEBOL

Ao acompanhar notícias de esporte, preferencialmente sobre futebol, pode-se pensar que são matérias muito menos complexas do que as da editoria de política ou economia, por exemplo. E esse preconceito não vem de agora dos dias atuais, mas desde o início do século XX. “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”, essa frase dita por Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, talvez tenha sido o maior engano da história do esporte brasileiro (COELHO, 2021, p. 27). O escritor alagoano não tinha nada contra o futebol, mesmo sendo apaixonado por remo, ele só acreditava que o que vinha de fora não poderia “pegar” no Brasil e naquele tempo o futebol era considerado jogo dos ingleses. Por outro lado, Graciliano pode ter sido um dos primeiros palpiteiros sobre o esporte. Já que nos primeiros anos de cobertura esportiva eram assim que os jornalistas eram considerados, simples palpiteiros.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que



movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2021, p. 7-8).

Mesmo com as dúvidas se os esportes tinham ou não que estampar as manchetes, os experientes jornalistas começaram a escrever cadernos especializados. Na década de 1910 em São Paulo, por exemplo, haviam divulgações esportivas no jornal Fanfulha, citado no . Ainda não formava opiniões, mas atingia um público numeroso de São Paulo: os italianos. Inclusive, foi do jornal que nasceu o Palestra Itália que, décadas mais tarde, se tornou o Palmeiras. Fanfulla trazia relatos em uma página inteira sobre um esporte que ainda não despertava paixão em todos. Coelho (2021) explica que esse jornal não se tratava ainda de jornalismo esportivo, mas eram relatos que até hoje são fontes de consulta.

Mas não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes (COELHO, 2021, p.8).

No início do século XX, no Rio de Janeiro, os jornais estavam dedicando mais espaço para o futebol. Os jogos dos grandes times da época eram mais destacados. Em 1913, nascia o Jornal dos Sports, o primeiro diário a lutar contra a realidade e se dedicar exclusivamente ao esporte no País. Depois ainda veio a Gazeta Esportiva em 1947. A partir daí, revistas e jornais foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos.

Em 1925, faltando cinco dias para o início da primeira Copa do Mundo, o futebol já era o esporte preferido dos brasileiros. No entanto, os espaços nos jornais dedicados à grande paixão popular ainda eram mínimos. Havia pequenas colunas por questão de espaço e não por falta de interesse. A presença dos cadernos esportivos se tornou cada vez maior no Brasil a partir da segunda metade dos anos 1960.

Pode-se dizer que o futebol, fortalecido depois que o Brasil se tornou tricampeão mundial, é o esporte que mais entusiasma a maioria dos brasileiros. Mesmo os que normalmente pouco se interessam por determinado quadro começam a incentivá-lo e a desejar que obtenha a vitória, se um clube participar com destaque de um campeonato. (ERBOLATO, 1981, p. 14).

E não foram só as vitórias da Seleção que começaram a encantar os torcedores, a paixão por clássicos como o jogo entre Flamengo e Vasco que passou a ser chamado de “Clássico de Milhões”, Botafogo e Fluminense no “Clássico Vovô” e o “FlaFlu” entre Flamengo e Fluminense, também despertaram a emoção no público. “Não há clássico em canto nenhum do Brasil que reúna tanta história, e isso é também fruto da maneira como se fazia jornalismo no



Rio de Janeiro na época” (COELHO, 2021, p. 17), referindo-se ao trabalho dos cronistas que colaboraram para que o “FlaFlu” se tornasse famoso entre os admiradores do futebol.

Assim, as crônicas recheadas de dramaticidade enriqueciam as páginas dos jornais e serviam para que os torcedores fossem ao estádio e aumentassem a sua idolatria em relação ao clube ou a um determinado jogador. Em Manaus, na capital do Amazonas, por exemplo, podemos destacar a Associação dos Cronistas e Locutores Desportivos do Amazonas (ACLEA) fundada em 1995 por cronistas esportivos locais como Carlos Zamith, Flaviano Limongi e Flávio de Souza, que juntos tinham um propósito em comum: a união e o companheirismo em prol da elevação do futebol amazonense.

Barbeiro e Rangel (2021) reforçam que jornalismo é jornalismo. A essência não muda por sua natureza ser ligada às regras da ética e ao interesse público. Porém, os autores ressaltam que o jornalismo esportivo tem suas especificidades e pode até se confundir, frequentemente, com puro entretenimento. Independente de editoria, reportagem é a essência do jornalismo. Apurar, divulgar e contar uma bela história, que seja verdadeira, é dever de todo profissional.

Os repórteres esportivos precisam pôr um fim nas piadas que fazem a respeito do seu trabalho, e mostrar que é possível produzir boas reportagens, como em qualquer outro assunto. [...] O perfil atual é de um profissional que fala no mínimo um idioma estrangeiro fluentemente e domina com facilidade importantes ferramentas de trabalho, como e-mail, processadores de texto, laptop, câmeras digitais, etc. Este novo jornalista esportivo também exibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades esportivas e tem, em geral, menos resistência a fazer matérias tanto de futebol quanto dos chamados esportes olímpicos. (BARBEIRO E RANGEL, 2021, p. 20).

Em compensação, com esse novo perfil, alguns jornalistas apresentam traços de arrogância e autossuficiência. Outro perigo é que de tanto conviver com ídolos do esporte acabam se confundido com um deles. A partir disso, se tornam "repórteres artistas" que estão ali para aparecer e sem desempenhar o olhar clínico do profissional.

O futebol proporciona um certo grau de emoção e paixão aos torcedores. Ela transparece nos olhos dos jogadores quando fazem o gol do título e até na decepção do público que foi para os estádios assistir ao jogo decisivo e saiu de lá com uma derrota. Acontece que, dentro do jornalismo esportivo essa emoção precisa ser dosada com a razão.

A TV aproveita esse sentimento que o futebol causa e usa esse esporte como uma das suas principais armas para alcançar a audiência. Um exemplo é a Copa do Mundo que se tornou o evento de maior audiência mundial, fazendo com que as emissoras invistam cada vez mais nas produções esportivas.



Coelho (2021) ressalta que a noção da realidade que o jornalismo esportivo possui atualmente torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. Relatos dignos de fazer torcedores se arrepiarem com a análise tática de um jogo de futebol, com a conquista de um título, com a história comovente de um atleta, com a tristeza do rebaixamento de um clube, enfim, esses tópicos sempre fizeram parte do esporte e da sua cobertura esportiva.

O jornalista precisa colocar a emoção no seu texto sem prescindir dos rigores da informação. O que pode ajudar nessa produção é quando o jornalista bebe da fonte. Ou seja, se é preciso contar uma história diferente que chame atenção, é mais fácil presenciar o fato. “A participação do repórter no local é, no jornalismo esportivo, um elo entre o público e o evento. As entrevistas feitas no local facilitam a fase de coleta de dados” (BARBEIRO e Rangel, 2021, p. 51).

Elementos para construir uma boa matéria jornalística estão quase sempre evidentes principalmente no jornalismo esportivo. Às vezes é aquele brilho dos jogadores em conquistar um título, da festa dos torcedores nos estádios, de uma jogada brilhante ou de um erro da arbitragem. Tudo está lá. O repórter só precisa estar atento e selecionar os fatos. Em suma, fazer jornalismo.

No futebol amazonense tivemos e temos vários nomes a serviço do jornalismo esportivo. Presente a cada momento na vida do amazonense, da TV em preto e branco à era da tecnologia, fatos esportivos continuam marcando a vida de torcedores locais. A Rede Amazônica, por exemplo, tem o esporte como marca registrada em 50 anos de TV.

Ao longo dos anos, sempre no horário do almoço com o programa Globo Esporte, o jornalista Eduardo Monteiro de Paula (o Dudu), com o seu tradicional "Olá, salve, salve!", esteve presente na divulgação do esporte amazonense. Há mais de quatro décadas, o ex-estudante de engenharia colabora com o futebol baré. O jornalista acompanhou todo o processo de construção do estádio Vivaldo Lima (atual Arena da Amazônia) e em 1970, na inauguração do Vivaldão, Dudu estava lá cobrindo o jogo da Seleção Amazonense contra o Brasil e é o responsável pela primeira imagem colorida que foi gravada dentro do estádio.

Como podemos observar no relato do jornalista em entrevista cedida para este trabalho:

Eu diria que quem entra na Arena pela Avenida Constantino Nery, que antigamente era Avenida João Coelho, estava sentado do lado esquerdo, na ponta da arquibancada. O meu irmão e eu trouxemos uma câmera oito milímetros, colorida, sem áudio, para gravar esse momento. Então você tem no Amazonas dezenas de imagens preta e branca, mas a única imagem colorida mesmo foi a que eu e meu irmão fizemos. E ainda tem mais. Sem nenhuma tecnologia. Como o filme tinha oito minutos, a gente



queria filmar tudo e aí filmava rapidamente (Dudu Monteiro de Paula, entrevista/2022)

Ainda sobre a inauguração do Vivaldão, Dudu Monteiro contou que na época a Seleção brasileira passava por um momento complicado e vinha de uma série de jogos péssimos. Ele explicou que o Brasil era vaiado em qualquer lugar que ia jogar e ninguém queria sediar um jogo da equipe. Porém, de acordo com Dudu, o jornalista Flaviano Limongi foi quem conseguiu convencer o presidente da CBF, João Havelange, em 1970, a fazer o jogo do Brasil na inauguração do Vivaldo Lima.

Manaus tinha cerca de cento e trinta mil habitantes e mesmo que o estádio não estivesse totalmente construído, a população se fez presente para assistir ao jogo inaugural e fez a festa no Vivaldão. Foi o único lugar do Brasil em que a Seleção foi elogiada, na época. Teve a calma e a tranquilidade daqui para sair e ser o campeão do mundo no México em 1970 (Dudu Monteiro de Paula, entrevista/2022).

O jornalista também presenciou a demolição do Vivaldo Lima para a construção da Arena da Amazônia. “Mataram um velho e colocaram um novo”, é como Dudu Monteiro disse em entrevista para este trabalho, referindo-se ao momento da demolição do Vivaldão. Ele explicou que ficou triste com o desaparecimento de Vivaldo Lima, mas feliz com o surgimento da Arena que ele denomina como a mais bela da Copa do Mundo de 2014.

Corroborando com essas afirmações citamos um trecho da entrevista com Dudu Monteiro onde ele explica um pouco da arquitetura da Arena:

A Arena da Amazônia é temática. Isso aqui é um cesto de frutas onde estudos feitos por cientistas comprovam que a maioria dos frutos do Amazonas são amarelos ou alaranjados. Isso aqui, na verdade, representa os frutos do Amazonas. Os traçados de cima são um cesto de palha (Dudu Monteiro de Paula, entrevista/2022).

Complementando a importância da Arena da Amazônia para o futebol amazonense, Dudu também destacou que o futebol local começou a ser valorizado com a presença de público, pelo conforto oferecido, com a possibilidade de chegar no estádio e ter um espaço para se espalhar.

5.1 A mulher no esporte

Se em 1970 Dudu Monteiro de Paula estava cobrindo um jogo da Seleção Brasileira, Coelho (2009) enfatiza que nesse mesmo ano era quase impossível ver mulheres no esporte. Atualmente, a diferença no número de mulheres para os homens ainda é grande e mesmo



existindo oportunidades, é quase sempre visto como algo curioso uma mulher que entende de esportes.

“A partir dos anos 1980, deixou de haver restrição às mulheres repórteres de futebol. O que sobrou foi o preconceito contra a opinião feminina. Nenhum preconceito se justifica” (COELHO, 2021, p. 36). A minoria que se debruça atualmente sobre esporte, principalmente futebol, é a que tenta manter cada dia a importância de boas profissionais.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, futebol, automobilismo. Nunca de esportes. [...] O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso (COELHO, 2021, p. 38).

De volta ao futebol amazonense temos o exemplo da jornalista Larissa Balieiro, da Rádio Difusora, que se dedica cotidianamente a difundir informações que valorizam e colaboram para o crescimento e desenvolvimento do esporte no Amazonas. Com mais de 10 anos no jornalismo esportivo, ela contou em entrevista ao documentário que em 2014, ano de Copa do Mundo, o futebol amazonense começou a declinar. Para a jornalista, foi somente em 2017 com o título do Manaus FC no campeonato amazonense que o futebol local renasceu.

Somente com o título do Manaus em 2017, no comando do Aderbal Lana, que, na minha visão, a gente foi se redescobindo. Se redefinindo e renascendo. Exatamente no momento em que o futebol amazonense, na minha visão, começou a se dividir entre os antigos e os mais novos. Eu até brinco que quando o Manaus começou a passar de fases eu não queria acreditar porque eu já estava tão acostumada que nenhuma equipe amazonense passava de nenhuma fase de competição. Então eu considero o renascimento do futebol, a redefinição, dos últimos cinco anos para cá. (Larissa Balieiro, entrevista/2022).

Sobre ser mulher atuando dentro da área do futebol, Larissa Balieiro afirmou ser "desafiador, mas é um momento bom para começar a crescer profissionalmente". A jornalista explicou que segue um critério na produção das suas notícias e sempre procura ouvir três ou quatro fontes, por mais que a informação pareça óbvia. Ela também enfatizou que se errar alguma notícia o peso do seu erro vai ser muito maior se fosse um homem errando.

Reiterando, Larissa explicou mais durante a entrevista sobre o desafio de estar trabalhando no meio do futebol sendo mulher:

O tempo todo a gente está tendo que se reafirmar, a gente está tendo que dizer mais de uma vez. Não existe em nenhum momento alguém que acredite fielmente no que você está falando. É claro que depois de um tempo no mercado eu já conheço muito amigo jornalista que prefere me ligar para saber da informação que um homem está



noticiando. Acho até engraçado porque mostra muito mais da minha credibilidade. Mas eu sei que tem homem que quando eu noticio, faz um print e manda para um amigo meu e pergunta se aquilo que estou falando é verdade ou é besteira (Larissa Balieiro, entrevista/2022).

Coelho (2021) reforça essa desconfiança que as jornalistas esportivas recebem com base em um julgamento preconcebido, principalmente quando informam sobre futebol. “Verifique nas rodas de amigos, em bares e festas pelo Brasil, o número de homens que conversam sobre futebol. Compare com o número de mulheres” (COELHO, 2021, p.36). Mesmo com a minoria, o autor enfatiza que é cada dia maior a importância da presença feminina expressando suas opiniões e informações sobre o esporte mais popular do País.

6. A IMPRENSA E O TORCEDOR NA ASCENSÃO DO MANAUS FC

Os jornalistas Dudu Monteiro de Paula e Larissa Balieiro estiveram no histórico 20 de julho de 2019 cobrindo o acesso do Manaus FC para a Série C do Campeonato Brasileiro. Esse acesso marcou o renascimento do futebol amazonense para o cenário nacional após 20 anos de espera.

Dudu Monteiro contou que viveu o auge do futebol amazonense, marcado pelos clássicos entre os times tradicionais como Rio Negro x Nacional e pelas festas na véspera e depois dos jogos. O jornalista também presenciou o declínio do futebol local, mas renasceu com o acesso do Manaus FC.

Eu fiquei muito feliz. Inclusive até puxaram a minha orelha. Eu transmiti pela Band para todo o Brasil e teve um momento que eu me esqueci e já comecei a falar bem do Manaus. Alguém então pediu calma e aí foi quando eu voltei a ser o profissional e não o torcedor porque eu virei torcedor (Dudu Monteiro, entrevista/2022)

Ainda durante a entrevista, Dudu disse que gostaria que o futebol amazonense permanecesse na mesma intensidade. Para o jornalista, se não fosse a pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021, o Amazonas teria ainda uma grande quantidade de torcedores. “A pandemia foi o que matou não somente o crescimento do futebol amazonense, mas o desenvolvimento de todos nós”, disse.

Larissa Balieiro também acompanhou a trajetória do Manaus FC e chegou a presenciar em 2018 a primeira chance que o clube teve de subir para a Série C, chance essa que perdeu nos pênaltis diante do Imperatriz - MA. Então, o ano de 2019 chegou e a jornalista explicou



durante as entrevistas para este trabalho que ela não acreditava que o Manaus estava avançando nas fases do campeonato.

Quando veio 2019, eu meio que fiquei acostumada com 2018. Então eu comecei talvez a aceitar que não ia subir. Quando fizeram 3 x 0, eu chorei. Não acreditei que depois de 20 anos a gente iria para a Série C (Larissa Balieiro, entrevista/2022).

O acesso do Manaus FC é considerado pela jornalista como o ápice de sua carreira. Ela também reforça que foi a partir de 2019 que o futebol amazonense renasceu porque desde que o Manaus subiu para a Série C o Amazonas já viveu muito legado desse acesso.

Hoje, quando eu falo que vou cobrir e vender o futebol, o Manaus é o nome que leva. O Manaus ressurgiu o futebol, ele redefiniu o futebol amazonense. Porque óbvio que todas as equipes tradicionais são lembradas, mas a partir do momento que o Manaus foi lá e fincou o nome, ele não fincou só o nome dele, ele fincou o nome do futebol amazonense. Então não tem nenhum lugar que eu não vá fora de Manaus que não perguntem se eu sou a menina que cobre o Manaus FC (Larissa Balieiro, entrevista/2022).

Em 2019, o Gavião do Norte fez história. Como exposto no capítulo cinco deste artigo, o renascimento do futebol amazonense também trouxe de volta a vontade do torcedor em vibrar por um time local. É o que é citado por Will Hobson em entrevista para este trabalho onde fala sobre a paixão pelo Manaus FC. Inclusive, essa paixão está estampada na pele com uma tatuagem do escudo da equipe.

Por acaso do destino, eu comecei a assistir aos jogos do Manaus FC e fui ganhando uma identidade com o clube. Eu decidi torcer para o Manaus no jogo contra o Imperatriz que a gente perdeu nos pênaltis. Eu decidi ali que só ia sossegar quando visse aquele time de volta em um jogo de acesso (Will Hobson, entrevista/2022).

Will contou que no jogo do acesso em 2019, os torcedores se mobilizaram pela questão de xenofobia sofrida pelos jogadores do Manaus FC e pelos amazonenses diante da primeira partida no Rio Grande do Sul. Então, a torcida se fez presente no segundo jogo que aconteceu na Arena da Amazônia. Para Will Hobson, o “Manaus ganhou na trajetória, no campo e pela torcida”. Parafraseando uma frase dita a ele pelo falecido Amadeu Teixeira, Will ressalta faltar apenas um pouco de amor para o futebol amazonense reascender. E na visão do torcedor apaixonado, o Manaus conseguiu trazer esse sentimento de volta.

Já para 2023, o futebol amazonense terá quatro equipes em competições nacionais: Princesa de Solimões e Nacional na Série D; Manaus FC e o Amazonas FC na Série B. Na visão da jornalista e também torcedora, Larissa Balieiro acredita que o futebol local vem vivendo



bons resultados e começa o calendário de 2023 com a expectativa de alcançar voos ainda maiores.

CONSIDERAÇÕES

Quando iniciamos o presente artigo, uma de nossas intenções principais era expor o renascimento do futebol amazonense dentro de Manaus, a metrópole da Amazônia, que sempre manteve viva a cultura dessa modalidade esportiva desde a chegada dos ingleses que deixaram suas raízes na Paris dos Trópicos. O futebol assumiu um papel importante na construção da identidade da sociedade brasileira e na da manauara de forma particular.

Dessa forma, optamos por trazer a história do futebol dentro do Estado do Amazonas a partir de uma linha de tempo com início nos anos 1960 ao apresentar o primeiro estádio de futebol da capital Manaus, passando pelos tempos áureos do São Raimundo Futebol Clube até a ascensão meteórica do Manaus Futebol Clube em 2019.

Para alcançar o objetivo proposto, seguimos uma linha para entender o porquê do renascimento do futebol amazonense em evidência nacional ter demorado 20 anos. Nossa tentativa de compreender essa demora partiu de dois fatos: o primeiro foi a paixão que esse esporte vem ocasionando há muito anos, em especial na cidade de Manaus onde os jovens ficaram maravilhados com a prática esportiva desde o tempo da Belle Époque; outro fato foi que mesmo tendo um estádio de primeiro mundo: a Arena da Amazônia, construída para a Copa do Mundo de 2014, o Amazonas passou despercebido durante esses 20 anos no sentido de relevância nacional quanto ao futebol.

Verificamos que antes de 2019, o futebol amazonense não tinha relevância nos principais campeonatos nacionais e a Paris dos Trópicos respirava futebol com os times de fora do Estado como Flamengo e Vasco. Foi interessante notar como após o período dourado do São Raimundo, o torcedor precisou esperar duas décadas para poder voltar a viver momentos de glória com o futebol amazonense no cenário nacional.

A questão da estruturação desse artigo foi feita a partir de capítulos. Assim, no primeiro capítulo foi descrito a paixão do futebol que ultrapassou as barreiras políticas, sociais, econômicas e de gêneros. À época, antes mesmo dos anos antes de Cristo, o futebol começou a ser praticado, mas o esporte não tinha todo o formato que tem hoje. Isso só veio a acontecer após décadas com a criação das regras e evoluções. Hoje o futebol movimenta um mercado financeiro milionário, proporciona eventos grandiosos, transforma a vida de atletas e os torna



ídolos internacionais e utiliza da mais alta tecnologia em transmissões e equipamentos esportivos. No entanto, o esporte trilhou uma longa jornada, sem nenhum tipo de glamour e com poucos holofotes, até chegar a esse patamar.

No segundo capítulo foi retratada a relação do caráter histórico, no que diz respeito ao Amazonas, de que a história do futebol é antiga. Segundo Zamith (2008), as primeiras manifestações dessa modalidade esportiva no Estado ocorreram entre ingleses que residiam na capital e vieram atraídos pelo *boom* do ciclo da borracha.

Constatamos ainda em nosso estudo que o futebol é um jogo jogado dentro e fora do campo, abrindo a possibilidade de dinamizar as relações sociais das pessoas, colaborar na formação de identificação e ajudar na criação de imagens simbólicas que ultrapassam gerações. Porém, o torcedor também se mobiliza em função dos jogos e acaba reforçando a história do esporte no Estado.

Baseados nos resultados de nossas pesquisas em campo, por meio de entrevistas para a construção do documentário “Futebol Amazonense - O momento histórico do seu renascimento”, foi possível perceber que o futebol transcendeu qualquer barreira, foi além do fenômeno esportivo, e se transformou em um elemento sociocultural no meio da sociedade manauara que é polarizada.

Com base nos autores que nos deram suporte teórico, ousamos afirmar que essa modalidade esportiva acende uma série de dramatizações entre os manauaras e faz parte da história tanto quanto as pessoas fazem parte desse esporte. Ao contrário de pensarmos que é uma atividade esportiva em oposição ou em competição com a sociedade, pode-se perceber que o futebol e a sociedade se complementam. Até porque para esse esporte ser compreendido é preciso considerar a totalidade que os torcedores estão inseridos.

Nossa resposta sobre a pergunta problema deste artigo fundamenta-se nas entrevistas do documentário. A partir dessas pesquisas de campo foi possível chegar a conclusão de que o futebol amazonense na década de 60 era um festa, vivia o *glamour* e o auge. Os clássicos que aconteceram no Parque Amazonense fizeram a cidade ficar contagiada pelos destaques de jogadores que se tornaram heróis da torcida, fazendo do palco esportivo um lugar lendário. Lugar esse que infelizmente não foi preservado pelos órgãos competentes do Estado.

Acreditamos que não preservar um lugar como o Parque Amazonense faz com que as memórias do futebol local não sejam apresentadas para as outras gerações. Uma frase da entrevista com Carlyle Zamith, filho de Carlos Zamith que é um dos principais autores que tivemos como referência, merece destaque neste sentido: “Hoje o garoto nasce e não sabe nem



mais o que é o Parque Amazonense. Não existe mais nada que mostre o que aconteceu naquela época.”

Ainda com base nas entrevistas, revivemos os tempos áureos do São Raimundo que conseguiu acesso à Série B em 1999, mas não conseguiu se manter nas principais divisões do futebol no País. Em seguida, com o nascimento do Manaus FC, clube que teve crescimento meteórico e em 2019 conquistou o vice-campeonato da Série D e acesso à Série C, o torcedor amazonense voltou a ter outro motivo para acreditar nos clubes locais.

Portanto, conseguimos chegar a conclusão de que a falta de preservação da história do futebol local, a carência de um time de base com raízes amazonenses e as dificuldades de apoio nas questões financeiras para os clubes se manterem em evidência nacional, fez com que o futebol amazonense demorassem duas décadas para ressurgir novamente.

Ao finalizarmos nosso artigo ressaltamos que muito ainda precisa ser evoluído no futebol do Estado e que ele não pode ser atribuído apenas a questões lucrativas de federações esportivas ou dirigentes de clubes. O amor ao futebol e tudo que o torna imponderável precisa ser considerado para que a modalidade esportiva continue crescendo dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, 1994. 40-49.

CHAVES, Alexandre Marco Araújo. **Paixões e cores da torcida baré Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus**. Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2307/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Alexandre%20Marco%20Ara%C3%BAjo%20Chaves.pdf>. Acesso em: 27. Abr.2021

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Editora Contexto, 2004

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderal & Rotschild Ed., Anpocs, 2007.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

GARCIA, Etelvina. **Manaus Referências da História**. 4ª ed. Manaus: Ed. Norma, 2014.



LIBÓRIO, Nicolau. **Memórias do Esporte no Amazonas**. Manaus: Ed. Uirapuru, 2009.

ZAMITH, Carlos. **Baú Velho**. 2ª ed. Manaus: Ed. Valer, 2008

VIEIRA NETO, Gaspar. **Memórias do esporte bretão caboclo: os primórdios do futebol no Amazonas**. Manaus: Editora do autor, 2017.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS (WEBGRAFIA)

Estádio Vivaldo Lima: vida 'curta' e eterna saudade no futebol do AM em: <https://ge.globo.com/am/noticia/2014/03/estadio-vivaldo-lima-vida-curta-e-eterna-saudade-no-futebol-do-am.html#:~:text=O%20Vivaldo%20Lima%20era%20a,cheio%20de%20problemas%20e%20graves>. Acesso em: 03. Dez. 2022

Futebol e torcedores em Manaus. Pontourbe, 2014. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/1699>. Acesso em: 01.Mai.2021

GENO Francisco Carvalho. Fenomeno do Futebol: Revista UniGranrio, v.2, nº2 (2010) Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br> Acesso em: 27. Abr.2021

Manaus FC comemora hoje (5) aniversário de sete anos da fundação do clube em: <https://www.acritica.com/esportes/manaus-fc-comemora-hoje-5-aniversario-de-sete-anos-da-fundac-o-do-clube-1.42515>. Acesso em: 03. Dez. 2022

Manaus F.C. Baú Velho, 2021. Disponível em: <http://bauvelho.com.br/> Acesso em: 22.Jun.2021

Momento Histórico. Globo Esporte. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/am/futebol/times/manaus/noticia/um-ano-do-acesso-jogadores-do-manaus-fc-relembra-momento-historico-nos-bracos-da-torcida.ghtml>. Acesso em: 01. Jun.2021

SALES Daniel, MITOSO Luis. Hino do Manaus F.C. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/daniel-sales/hino-do-manaus-fc/<linkdoyoutube>>. Acesso em: 22. Jun.2021.

SITE Federação Amazonense de Futebol (FAF) em: <http://fafamazonas.com.br/site/>. Acesso em: 03. Dez. 2022

SITE Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em: <https://www.cbf.com.br/>. Acesso em: 03. Dez. 2022